

Artista Pedro Vaz percorre a ilha da pintura de Luís Bernardo de Ataíde

Residência artística está a chegar ao fim para o artista que usa a pintura e a videoinstalação para traduzir em arte a sua experiência com a natureza, após a descoberta das paisagens que o açoriano Luís Bernardo de Ataíde pintou há 100 anos

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianooriental.pt

É a pintura de Luís Bernardo de Ataíde que guia, quase 100 anos depois, o artista Pedro Vaz na geografia da ilha.

Em residência artística no Pico do Refúgio, Pedro Vaz partiu para a ilha em novembro com um plano: descobrir os locais pintados por este açoriano que nasceu em 1883 e morreu em 1955, deixando um legado como pintor, etnógrafo e historiador. “A ideia era ele levar-me aos sítios que lhe interessavam. Usar o trabalho de Luís Bernardo de Ataíde como se ele fosse o meu guia e perceber como é que via a ilha”, explica Pedro Vaz, artista que usa a pintura e a videoinstalação para traduzir em arte as suas experiências diretas com a natureza.

Tudo começou com o convite de um dos proprietários da quinta do século XVII que, além das casas de campo, promove um programa de residências artísticas, como forma de perpetuar o passado artístico da propriedade que foi residência da escultora Luísa Constantina. “O Bernardo [Brito e Abreu] convidou-me a fazer uma residência artística cá, e quando estava em casa dele vi uma série de pinturas do bisavô dele que me chamou muito a atenção, pelo lado naturalista, e pelo lado da experiência no campo do ir ao sítio, mas também porque há ali uma qualquer magia que me atraiu”.

No último mês, percorreu as paisagens da ilha de há um século atrás - “há pinturas com 100 anos, e eu acho que a paisagem é exatamente a mesma”, revela o artista.

“Grande parte das pinturas dele são feitas a partir de miradouros, que ainda hoje o são, para paisagens exatamente iguais”, explica. Deste modo, seguindo o mapa artístico do pintor açoriano, Pedro Vaz descobriu que “toda a zona da Serra Devassa, com as lagoas, o Pico das Éguas é super especial.



Pedro Vaz que está a terminar a residência artística no Pico do Refúgio, tem agendado um “Open day” na sexta-feira no Arquipélago

No outro dia, estive dentro de uma lagoa mais pequenina, e era eu e uma gaivota – o som dela em eco”, mas também a Lagoa das Furnas, o Pico do Ferro - “que foi propriedade dele e que aparece em várias pinturas”, e o Ilhéu de São Roque - Rosto de Cão, pelo qual “tinha uma fixação” e sobre o qual “há um pequeno texto onde fala sobre o fim do dia e do sol a bater na pedra e os seus reflexos”.

Mas, além destas panorâmicas sobre a paisagem, “há pin-

“Interessa-me mais trazer a sensação de estar naquele lugar e chamar a atenção para essa experiência de contacto com a natureza”

turas mais pequenas com coisas como um charco ou uma pequena floresta”, explica.

Pedro Vaz pretende, assim “fazer pinturas dos miradouros. Talvez por comparação. Não consigo fugir a isso”, e, “nas pinturas em que não consigo identificar o local exato, aí ele dá-me espaço para poder ir para um sítio que realmente gosto, como por exemplo uma floresta de criptomérias, e fazer lá um filme”, exemplifica.

Contudo, revela Pedro Vaz, há um sítio que não é representado na sua obra que quer representar – a Lagoa do Fogo. “Aqui vou fugir à regra. Será um extra”, diz.

Com o seu trabalho, o que lhe interessa é “trazer a sensação de estar naquele lugar e, através disso, chamar a atenção das pessoas para essa experiência de contacto com a natureza”.

No último mês, compreendeu também que a forma como vê a paisagem está formatada à fotografia. “Eu trabalho com

base na minha memória e na fotografia como auxiliar de memória”, explica, e só nas últimas semanas, “tomei consciência do quanto estava preso à formatação da lente - quando eu caminho, eu penso ‘esta paisagem tem de ser fotografada com uma 35 ou com uma 24’, e essa abertura do campo de visão da lente está a mandar na minha cabeça”, confessa.

Já os vídeos são feitos “com base na minha formação em pintura. O que faço é transformar a imagem do vídeo em pintura e levá-la a um nível plástico em que cada imagem é como se fosse uma pintura em movimento”.

A residência artística está a chegar ao fim e, explica Pedro Vaz, “o meu projeto é que, a partir desta experiência de ele me levar aos sítios, desenvolver o meu próprio trabalho. A pintura farei em Lisboa”, explica, “mas a parte de vídeo tem de ser feita aqui e, por isso, estou a cor-

rer para ver se é possível fazer tudo, mas é possível que tenha de voltar para refazer parte desse trabalho”, admite.

Pedro Vaz gostaria, depois, de ter a oportunidade de mostrar o resultado desta residência artística em São Miguel. O artista que, nos últimos anos, tem feito viagens por vários sítios do mundo, para “perceber diferentes formas da natureza se formar e se exprimir”, diz que gosta de “partilhar com os locais” o que faz e “de sentir feedback”. Por essa razão, “fazer cá uma exposição onde possa colocar obras de Luís Bernardo de Ataíde – as que me levaram aos sítios – em diálogo, é uma ideia que está em aberto”, admite.

Para já, Pedro Vaz tem marcado um “Open Day”, na próxima sexta-feira, dia 14 de dezembro, às 19h00, na Blackbox do Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, para dar a conhecer o seu projeto. ♦

EDUARDO RESENDES